

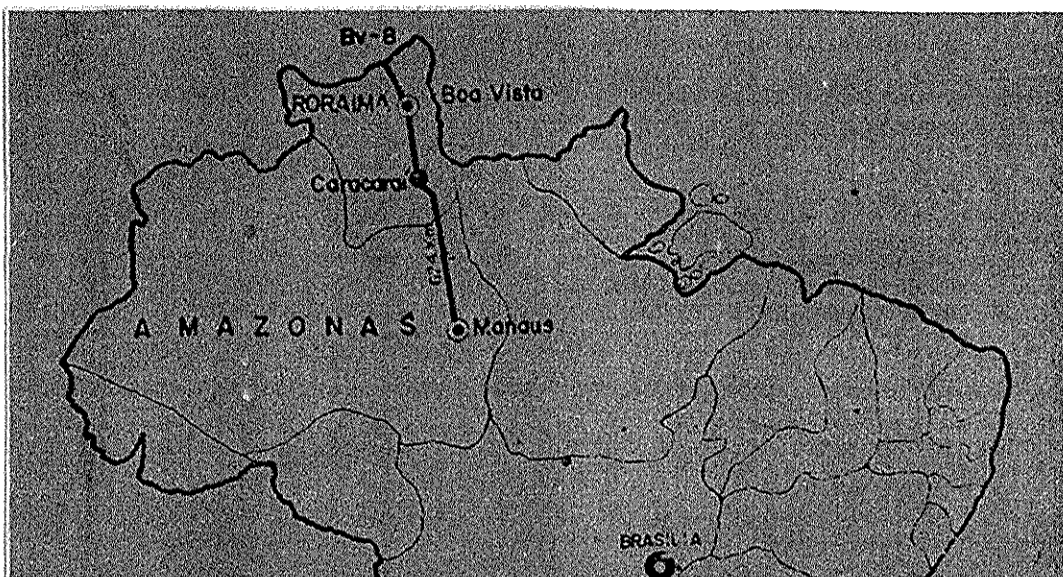
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.: 192

Data: 05.04.77

Pg.: _____



Com o novo trecho, completa-se a ligação Brasil-Venezuela.

Na abertura da BR-174, os atroaris ainda preocupam

Da Sucursal de Brasília e do Correspondente

O presidente da Funai, general Ismarth de Oliveira, viajou ontem para Manaus, onde assistirá amanhã à inauguração do trecho Manaus-Caracará, de 641 quilômetros, da BR-174. Com a inauguração estará concluído o trecho brasileiro da estrada, que ligará Brasília a Caracas. O vice-presidente Adalberto Pereira dos Santos representará o presidente Geisel e presidirá a inauguração, que contará ainda com a presença do ministro dos Transportes, Dirceu Nogueira. Geisel decidiu não comparecer à abertura da BR-174, em face da situação política brasileira, decorrente do recesso do Congresso Nacional.

A construção da BR-174, toda ela feita pelo 6.º Batalhão de Engenharia e Construção do Exército, foi decidida em 1973, num encontro entre os presidentes do Brasil e da Venezuela. A rodovia ligará as cidades de Culabá, Porto Velho, Manaus, Caracará, Boa Vista, o marco de fronteira BV-8, Santa Helena, El Dorado, Caracas. Sua extensão total é de 5.758 quilômetros, 4.462 dos quais em território brasileiro.

A VIAGEM DE ISMARTH

O general Ismarth foi inspecionar a implantação das medidas de segurança sugeridas pelo órgão para garantir o tráfego da rodovia ao longo dos 135 quilômetros que atravessam a reserva dos índios Waimiri-Atroaris. A fiscalização da estrada estará a cargo do 6.º Batalhão de Engenharia e Construção do Exército, da Polícia Federal e Técnicos indigenistas.

No primeiro ano de funcionamento da BR-174, a Funai liberou uma verba de oito milhões de cruzeiros, para a implantação das medidas de segurança sugeridas pelo órgão indigenistas, a fim de assegurar o tráfego da rodovia ao longo dos quilômetros que atravessam a reserva dos waimiri-atroaris, índios temidos pelos sistemáticos massacres que praticaram contra as expedições de pacificação.

Entre as medidas a serem adotadas estão a fixação de limites de velocidade no interior da reserva, a instalação de cinco postos móveis de apoio aos postos indigenistas já existentes na área, revista a todos os carros que entrarem na reserva, além da formação de comboios de no mínimo três veículos para o tráfego naquele trecho.

No interior do território dos waimiri-atroaris, os motoristas deverão observar a velocidade mínima de 80 quilômetros, a ordem de não parar sob nenhuma hipótese, e a proibição de conduzir qualquer tipo de arma de fogo ou qualquer espécie de bebida alcoólica. O tráfego na BR-174 deverá, também, ter horários fixos — segundo o general Ismarth, todos os massacres

dos waimiris ocorreram ao entardecer ou ao amanhecer, e nunca durante o dia.

Os cinco postos móveis de apoio aos postos indígenas já existentes estarão equipados com viaturas e um contingente de 16 homens cada um, distribuídos pelos 135 quilômetros da reserva, nos seguintes locais: na altura do quilômetro 273; no quilômetro 340; no rio Abonari—limite Norte, da reserva; em Acai, no limite Sul; e no local conhecido por "Terraplanagem", situado no meio da reserva dos waimiris-atroaris, e onde será inaugurado um monumento aos mortos nas expedições de pacificação.

OS MASSACRES

Em 1972, quando a rodovia atingiu o território dos temidos waimiri-atroaris, alguns deles se aproximaram dos canteiros de obras. Observavam, atentos, os trabalhos de desmatamento, sem ameaçar contudo os operários. Quatro anos antes, em 1968, esses índios massacraram a expedição do padre Galleri, que tentava a pacificação do grupo.

A atitude dos waimiri-atroaris — sempre no final do ano — ainda não foi explicada. As versões são várias, entre elas, a do sertanista Luis Alberto Apolinario, sobrevivente do ataque de janeiro de 1973, que comentou na ocasião:

"O jovem waimiri-atroari tem que matar para tornar-se homem adulto. Assim, no massacre, ele é quem toma a iniciativa, enquanto os índios mais velhos lhe dão cobertura".

Outra causa seria o fato de ninguém entender o idioma falado por esse grupo indígena, cuja população é estimada em cerca de 1.600 pessoas. Atualmente, já estão sendo feitas tentativas no sentido de estudar a língua do grupo, que deriva do tronco linguístico karib.

"É sabido que aqueles índios não querem aceitar a aproximação da gente civilizada" — disse em diversas ocasiões o sertanista Apoena Meireles, que trabalhou durante meses junto àqueles índios.

A Funai mantém na reserva dos Waimiri-Atroaris, atualmente, cinco postos de atração, distribuídos de 50 em 50 quilômetros, às margens da BR-174. No final do ano passado, ante a ameaça de um ataque por parte dos índios, o efetivo dos postos foi aumentado de 40 para 60 homens e, com a inauguração, este número deverá atingir, no mínimo, a 80 funcionários. No ano passado, os Waimiri-Atroaris chegaram a deixar as matas, para insultarem os servidores da Funai.

Recentemente, há cerca de 15 dias, 116 índios procuraram o posto "Terraplanagem" da Funai, provocando um clima de apreensão entre sertanistas. Passou-se a temer um possível ataque. Mas, os waimiri queriam apenas alguns presentes. E assim que foram atendidos retornaram às suas aldeias.